

UM QUARTO CHEIO DE NEVE

O meu quarto não tem paredes. No meu quarto está sempre a nevar e, no silêncio irreal que esse denso manto branco instaura, as montanhas vão exibindo os seus relevos feitos de sombras e encostas iluminadas. A primeira vez que descobri essas enormes montanhas no meu quarto fiquei sem palavras para as descrever. Os meus olhos percorreram lentamente essa longa paisagem e descobriram que, nalguns pontos desses campos nevados, existiam também pequenos lagos de sangue. Um dia, em que nevava intensamente, a montanha maior, em forma de mulher envolta em brancos lençóis, começou a elevar-se lentamente até ficar a pairar em frente dos meus olhos incrédulos. Compreendi finalmente que as montanhas de neve, por vezes, revelam a sua verdadeira existência e se elevam no ar como uma mulher que nos deixa sozinhos.

Dentro do quarto construo um mundo apenas visitado por figuras vestidas de vermelho e de ouro. Por vezes vêm de cinzento e branco e perguntam-me como me sinto. Em frente dos meus olhos ergue-se a última janela, a que recebe o último olhar. Tentei, várias vezes, agarrar essa janela; nunca me foi possível, talvez ainda não tenha chegado o momento da partilha do meu silêncio com os silêncios mais antigos, os que me entram no quarto através dessa última janela.

Para chegares a uma casa, tens de caminhar. Tens de procurá-la. Uma casa não existe. Uma casa não vem ter contigo, à tua procura. Nenhuma casa te espera, a menos que aceites que aquilo que te espera possa ser uma casa. Tens de procurá-la, tens de construí-la, mesmo que pareça já estar construída.

Procuramos uma casa, nem sempre sabemos onde ela se poderá encontrar. Uma casa de granito, ou de calcário, ou de madeira, ou de betão, ou de pano, ou de terra misturada com canas, ou de ferro, ou de papel. Um cobertor, ou apenas a arcada de um prédio na noite desta cidade. Ou os lençóis de uma cama, ou um quarto de hospital, ou as quatro paredes de um asilo ou de uma cela de prisão. Lugares onde a espessura do tempo perde todo o significado. Uma gruta onde alguém esperará por alguém até que a última vela se extinga e tudo mergulhe na escuridão, para sempre. Um pequeno apartamento perdido entre tantos outros, ou um palácio escondido por detrás das árvores. Enormes janelas sobre a paisagem, uma distância que nos defende do mundo através do mais preciso enquadramento da sua beleza. Uma casa negra, uma sombra. Uma casa que não quer aparecer, que está e não está, que existe e não existe neste lugar, erguendo a sua sombra entre a brancura de todas as que a rodeiam. Ou as paredes de betão, viradas para dentro, que nos isolam do resto da cidade. Uma sucessão de longos muros coloridos onde os ramos das árvores se

duplicam, silenciosamente, em forma de sombra. Um sofá no canto do quarto, a estante com todos os livros que contêm o nosso mundo. Um compartimento de comboio. Um quarto de hotel, frio, daqueles baratos, perto da estação, que os ladrões preferem, para poderem mais facilmente fugir. Uma cama para o nosso cansaço. Um objecto amado que conservamos no calor da nossa mão. Uma carta que recebemos e que mantemos guardada. Ou o armário com todos os objectos que recolhemos nas nossas viagens. Uma casa pode ser uma praia, uma onda, uma rocha. Uma casa é uma fogueira, ou é um copo de leite quente, ou um copo de vinho, ou um copo de água. Uma casa solitária, rodeada de miragens. Uma casa abandonada, que nos abriga da chuva. Uma casa é um jardim, uma árvore com raízes ou a sua sombra, apenas. Uma casa de adobe no vazio do deserto, uma tenda na estepe ou na hammad, o longo tempo que passamos escutando o sangue a percorrer as veias do nosso corpo. O velho nómada que vive numa tenda, no pátio da casa do seu filho, porque sabe que morrerá no dia em que tiver um telhado sobre a sua cabeça em vez do luminoso silêncio das estrelas.

Nós somos as casas, os países, as fronteiras. A nossa casa são as dunas do deserto onde, se algum dia morrermos, as nossas cinzas serão espalhadas e assim ficaremos para sempre juntos, levados pelo vento, pairando no nosso mais amado lugar do mundo, misturados com a areia, ora escaldante, ora gelada. A nossa casa é a nossa viagem, eterna e sem retorno, para além da última fronteira. Nunca mais nos custará subir as dunas, se fizermos parte delas. A minha casa és tu.

Se viveres no sítio onde nasceste, estás sempre a perder, diariamente: nada conseguirá curar as feridas da memória. Se emigraste para longe das tuas raízes, não perdes nada, tudo é novo para o teu coração. Tens tudo, menos o reconhecimento permanente e sempre espantoso dos espaços que já habitaste em criança, e que continuas a habitar. Reconhecer... é essa a palavra mais pesada de todas, quando falas da "casa". Falas de memória, de regressar às origens, do primitivo instinto do regresso. Uma menina com um ano, sentada na cadeira do fotógrafo, olha-nos lá de longe, na imensidão do tempo, com os seus olhos transparentes, a preto e branco; hoje tem quase 90 anos e a casa de granito onde nasceu persegue os seus sonhos e oferece-se, em vão, à sua corrida apressada e alegre pelas varandas e escadas. O cheiro das madeiras, o toque das maçanetas das portas na palma das nossas mãos, é disso que nos fala a muda arte dos construtores, dos arquitectos. Uma construção precisa, que fala apenas a sua própria linguagem, a sua própria essência específica.

O meu quarto não tem paredes, apenas sombras projectadas nas paredes. O medo que nos habita, desde a nossa infância, é a marca que ficará indelével no nosso coração. A criança adormece com medo da noite, com medo de não acordar mais. Na penumbra do quarto, enquanto observa os animais monstruosos que povoam as paredes, a criança pergunta-se, aterrada, sobre o que haverá quando morrermos. A noite envolve-a lentamente e ela ignora que a manhã chegará e que tudo recomeçará de novo. É importante lembrarmo-nos da primeira vez que tivemos medo do escuro

para, mais tarde, podermos aprender a superar o medo: as pessoas cruzam-se e olham-se jurando umas às outras que as palavras são pequenas pontes entre luzes em fuga, na escuridão. Seremos castigados por termos ousado criar textos, objectos e imagens?

Por vezes abrimos as janelas do nosso quarto para ouvirmos o mundo e nos sabermos vivos. Por vezes temos de fechar essas janelas para não ouvirmos os gritos, os grunhidos e os uivos do mundo. Mas haverá alguma janela que nos proteja dos intermináveis gemidos de todas as vítimas da violência que vivem num mundo transformado num massacre sem piedade?

A que local queremos sempre regressar? O teu desejo absoluto é ter uma casa que nunca mude, num local que nunca se modifique, sempre o mesmo. Mas, como sabes, isso é uma utopia, uma impossibilidade: nada mantém a sua forma. Nada. Tudo muda em permanência, até esta estrada em que atravessamos a paisagem, que hoje é assim e amanhã será de outro modo. As cidades mudam e os campos desaparecem, quando não lhes prestamos atenção. Tudo está em constante transformação, tudo aparece de forma minúscula e vai crescendo até se tornar gigantesco e desaparecer depois, para sempre. É esta a história do nosso desamparo. Queres uma coisa que não mude é a utopia de queres o que te proteja da própria mudança. Mas isso é medo disfarçado de força. Sofres porque perdeste tudo, todos os locais da tua memória, a casa da memória. Já não tens aonde regressar, um lugar que esteja sempre igual e imutável, de cada vez que lá voltas. Dizes que tens a absoluta necessidade de voltar para o sítio onde vieste a este mundo, onde foste uma criança feliz. Mas a idade não existe, apenas o desejo de parar o tempo, de o inverter, de ser de novo a criança que corria na varanda. Ou de tornar a ver o imenso pôr-do-sol que nos acompanha até adormecermos na nossa cama de férias. Sofremos por não sabermos a onde pertencemos, ou por não pertencermos a lugar nenhum. Se não conseguimos parar o tempo nem invertê-lo, só nos resta fugir dele.

Onde o nosso olhar pousa, começa um mundo novo. Ter a capacidade de olhar para uma coisa pela primeira vez. O primeiro olhar. Tentamos reproduzir a pureza desse primeiro olhar nas coisas que fazemos para os outros. Mas os cheiros, as sombras das folhas nas paredes dos jardins, a frescura estonteante das madrugadas em silêncio nos campos acabados de sair da noite... nada disso volta, está perdido para sempre. Permanece apenas a casa, a construção, o trabalho dos arquitectos, dos construtores, dos pedreiros, dos carpinteiros. Mas, por vezes, tens medo de já não caberes nessa tua casa. Ou de teres deixado de lhe pertencer.

Uma casa são as palavras com que me descreves emocionadamente, e com toda a precisão, uma capela em forma de lágrima, formada pelos espaços vazios dos troncos que arderam totalmente. Talvez sejas tu a madeira que ardeu, deixando apenas o negro rasto de uma ausência.

Uma casa é uma visão: aquela enorme montanha que acompanha a minha vida desde criança. Aquela montanha.

Uma casa é o riso e as vozes das crianças que a habitam. Uma casa é onde o sorriso antigo dos nossos Pais permanece sempre à nossa espera, de cada vez que chegamos. Uma casa é uma gargalhada, ou as vozes e o sorriso dos amigos. Procuramos uma casa que exista em todo o lado, sem tectos nem paredes. Nem alicerces. Nem portas fechadas.

Uma casa é um abraço: o maravilhoso aroma da pessoa amada, a sua acolhedora temperatura, a comovente suavidade e doçura dos seus contornos, a sua pele, a sua voz, o seu olhar que nos envolve. O seu sorriso, que sempre reconheceremos. A sua mão no interior da nossa mão quando passeamos os dois. Esta é a casa mais eterna e a mais precária, a única que esperará sempre por nós.

O meu quarto não tem paredes.

Nenhuma casa vem ter contigo. Para chegares a uma casa tens de caminhar, tens de a procurar. Podes conseguir encontrá-la, no tempo da tua vida. Ou não.

Rui Chafes
Lisboa, Fevereiro 2012

(texto adaptado para o seminário "Quarto: lugar de abrigo, identidade e evasão", Projecto com Escolas 2011-2012, Fundação de Serralves, 25 Fevereiro 2012)

* O texto não adopta o novo acordo ortográfico.